

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

**O RETRATO DO RURAL GAÚCHO NA MÍDIA: UM ESTUDO SOBRE AS PAUTAS PUBLICADAS NO CADERNO
CAMPO & LAVOURA DE ZERO HORA¹**

**THE RURAL DEVELOPMENT IN THE MEDIA: A STUDY ABOUT THE JOURNALISTIC AGENDA PUBLISHED IN
CAMPO & LAVOURA, OF THE ZERO HORA NEWSPAPER**

Vanessa Costa De Oliveira², Cidonea Machado Deponti³, Vinícios Gonchoroski De Oliveira⁴

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - UNISC

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - UNISC, nessa.costa.oliveira@gmail.com

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - UNISC, cidonea@unisc.br

⁴ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, UNISC, viniciosgdoliveira@gmail.com

RESUMO: O objetivo desse trabalho é identificar e analisar as pautas sobre rural publicadas no caderno Campo & Lavoura do jornal e Zero Hora - ZH e a composição deste caderno tendo em vista a perspectiva do desenvolvimento rural, para assim compreender qual é o retrato do rural gaúcho publicado pelo jornal. A revisão bibliográfica dá conta de uma dualidade existente no Brasil rural, em que de um lado está a agricultura patronal-empresarial e de outro a familiar. A proposta tem como justifica a importância do trabalho da mídia no agendamento da opinião pública. A mesma dualidade indicada por pesquisadores foi encontrada nas 9 edições do suplemento, ainda que o agronegócio tenha destaque maior, evidenciando os interesses do veículo de comunicação.

Palavras-chave: Desenvolvimento Rural, polarização, mídia, Campo & Lavoura, Zero Hora.

ABSTRACT: The objective of this work is to identify and analyze the rural development agenda published in Campo & Lavoura, in the newspaper and Zero Hora - ZH, in order to understand how the rural theme is published by the newspaper. The literature review shows a duality in rural Brazil, where, on the one hand, there is company-employer agriculture and, on the other hand, family agriculture. The proposal has as justification in the importance of the work of the media in the scheduling of public opinion. The same duality indicated by the researchers was found in the 9 editions of the supplement, although agribusiness was more prominent, evidencing the interests of the communication vehicle.

Keywords: Rural Development, Polarization, Media, Campo & Lavoura, Zero Hora.

Introdução

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

A proposta desse trabalho parte do entendimento de que o jornalismo, através da mídia, por meio da circulação de informação, e conseqüentemente de sentidos acerca dos diferentes assuntos, constitui um fenômeno cultural. O campo de estudos e da produção cultural e comunicacional ocupam lugar central no mundo de hoje, uma vez que são vistos como força de mudança histórica, capaz de transformar o cotidiano (HALL, 1997).

Parte-se também do conceito de desenvolvimento de Amartya Sen^[1] (2010), que desenvolve uma teoria acerca do desenvolvimento como liberdade. Para esse economista, diversas instituições da sociedade garantem as liberdades que levam ao desenvolvimento e, entre elas, encontra-se a mídia.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é identificar e analisar as pautas sobre rural publicadas no caderno Campo & Lavoura do jornal Zero Hora (ZH) e a composição do caderno tendo em vista a perspectiva do desenvolvimento rural, entendido aqui, a partir de Schneider (2007) como uma alternativa, e uma oposição, à noção de agronegócio.

Para tal, se selecionou 9 edições do Campo & Lavoura – caderno semanal sobre rural, publicado nas edições de final de semana do jornal ZH –, referentes aos meses de julho e agosto de 2017. Espera-se identificar, por meio das pautas publicadas pelo caderno, como o rural é retratado por esse jornal de referência no estado do Rio Grande do Sul e, a partir disso, averiguar se as matérias de cunho jornalístico oferecem subsídios para a discussão do desenvolvimento rural.

Esse trabalho está estruturado em quatro seções. Na primeira seção, faz-se uma aproximação teórica entre a comunicação e o jornalismo, com a abordagem do desenvolvimento rural. Na sequência, apresenta-se algumas premissas teóricas sobre o desenvolvimento rural, que permitem analisar as pautas trabalhadas em ZH, e também questões específicas sobre o desenvolvimento rural no Brasil. Em seguida se apresenta o jornal Zero Hora como um jornal de referência dominante no Rio Grande do Sul e o caderno Campo & Lavoura. Por fim, se analisa as pautas trabalhadas nas 9 edições do caderno com vistas à perspectiva do desenvolvimento rural.

Comunicação e desenvolvimento rural: uma aproximação

O desenvolvimento rural, ainda que não trouxesse consigo o termo *rural*, teve seu

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

primeiro período de ascensão histórica a partir da década de 1950, como um dos grandes motores das políticas governamentais (NAVARRO, 2001). É também desse período da Revolução Verde, que propunha, e de certa forma também impunha, a modernização da agricultura, o que significa pensar esse primeiro período de desenvolvimento rural atrelado aos ideais dessa compreensão de produção agrícola.

A Revolução Verde, como lembra Navarro (2001), foi a materialização de um padrão tecnológico na agricultura, que se tornou hegemônico em todo o mundo. Foi o rompimento com o passado, buscando internalizar nas propriedades rurais novas formas de produção e de mercado, alterando a vida social e rompendo com a lógica de autonomia setorial. O mundo rural passava, assim, a se subordinar aos novos interesses e classes dominantes. “A noção de desenvolvimento rural, naqueles anos, certamente foi moldada pelo espírito da época, com o ímpeto modernizante [...] orientando também as ações realizadas em nome do desenvolvimento rural” (NAVARRO, 2001, p.84).

Tanto no Brasil, como na América Latina, programas de desenvolvimento rural foram implementados nas regiões mais pobres e dirigidos aos pequenos produtores, considerados incapazes de se integrarem à economia capitalista pelo viés do progresso tecnológico (SCHNEIDER, 2007). De acordo com Navarro (2001), esse conjunto de programas tinha como foco, no Brasil, principalmente a região nordeste, sob a égide do desenvolvimento rural. Nesse sentido, acreditava-se que a melhoria de vida das populações rurais mais pobres só seria possível por meio desse processo de mudança produtiva na agricultura, através da modernização.

Esses programas, explica Schneider (2007), estavam articulados em torno da teoria da modernização e do difusionismo tecnológico, responsável por levar até essas populações rurais e fazê-las absorver um novo padrão tecnológico que acarretaria, segundo Navarro (2001), em um aumento da produção e da produtividade, o que levaria ao aumento da renda familiar, ou seja, levaria essas populações rurais àquilo que era entendido como desenvolvimento.

O principal instrumento desse difusionismo foi a comunicação e, algumas vezes, o próprio jornalismo. É desta época, e desse contexto, as primeiras pesquisas que associam a comunicação e o desenvolvimento, a partir de um ponto de vista técnico e instrumental da comunicação de massa.

O objetivo fundamental da informação agrícola e da informação rural era a difusão de inovações tecnológicas que incrementassem a produção e a produtividade da agricultura. Tanto uma como a outra apelavam não só para a informação e a instrução,

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

mas também para a persuasão, visto que a meta era conseguir mudanças de comportamento nas pessoas. (BORDENAVE, 1985, p. 28).

O modelo difusionista, de acordo com Bordenave (1985), era responsável pela mediação entre a tecnologia e a adoção dela por parte do agricultor. Para isso, fazia uso de técnicas de marketing, como a persuasão e modelos bem sucedidos, no intuito de que as novas tecnologias fossem adotadas e assim promover o desenvolvimento.

Schramm (1970) era bastante confiante quanto à importância da comunicação para o desenvolvimento. Ele afirma que seria praticamente impossível pensar em desenvolvimento socioeconômico sem meios de comunicação rápidos e potentes. Essas afirmações são feitas dentro de uma perspectiva que tem na prática da comunicação e, principalmente no jornalismo, um instrumento de mudança cultural e social. Para Schramm (1970), o tipo de transformação proporcionada pela comunicação condicionava a passagem a novos costumes e novas práticas, fossem elas vinculadas a novas concepções, crenças, técnicas ou a normas sociais.

Ao mencionar as *técnicas* que devem ser ensinadas, Schramm (1970) atribui à comunicação um papel instrumental, que perdura durante alguns anos. A comunicação era vista, e utilizada, como uma espécie de capacitação para a sociedade, principalmente as de áreas rurais. Bordenave (1974) coloca o *Seminário sobre Comunicação no Desenvolvimento Econômico*, em 1964, promovido pela Associação Internacional Americana, como um marco na exploração da área do desenvolvimento e comunicação. “Nossa atenção centrou-se em descobrir como as pessoas utilizavam a comunicação em seu próprio interesse, ou em outras palavras, quais seriam as funções que a comunicação oferecia ao indivíduo” (BORDENAVE, 1974, p.6).

De acordo com o pesquisador, na prática, cabia aos comunicólogos informar fazendeiros e convencê-los, por meio dos recursos da comunicação, a adotar “melhores” técnicas agrícolas, para que pudessem produzir maior quantidade de alimentos. Para que as mensagens sobre novas técnicas alcançassem o meio rural, as recomendações eram veiculadas especialmente em programas de rádio.

Melo (1977, p.20) concordava com a premissa de que cabia à comunicação de massa acelerar o processo de “modernização das sociedades tradicionais” e que os pesquisadores deveriam se empenhar na busca de processos que pudessem indicar *como* realizar esta tarefa. Mas é importante notar que, nesse período, final da década de 1970, Melo (1977) já questionava esse modelo de desenvolvimento sem implicações de natureza sociocultural. O autor afirma que estavam sendo negligenciados questionamentos como: “em que estrutura

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

social as inovações (*na agricultura*) serão introduzidas? Quais os padrões culturais (crenças, valores, normas, interações, etc.) ali dominantes? Quais os centros de decisão sob os quais gravita a organização social?” (MELO, 1977, p.22).

Acentuaram-se, também, as críticas em relação ao difusionismo, que pressupunha receptores passivos. Paulo Freire, em seu livro *Extensão ou Comunicação?* (2011), escrito durante o seu exílio no Chile, publicado originalmente em 1969, faz críticas ao que o autor chama de *extensão* como um movimento de transmissão, um movimento de transmissão de mensagens a alguém que a recebe sem fazer as devidas reflexões. Em outras palavras, uma crítica ao tecnicismo. Freire (2011) defende a comunicação, entendida como um diálogo onde há troca de conhecimentos entre os interlocutores.

Apesar de discutir, nessa obra, a educação no campo, os apontamentos de Freire são bastante utilizados pelas pesquisas em comunicação, já que o autor contraria veementemente o modelo de comunicação que, à época, se acreditava ser o ideal. Para Freire (2011, p.70), “A comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua coparticipação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente”.

Na última década, no Brasil, a discussão do desenvolvimento pela ótica da comunicação se manteve por meio de alguns autores, entre eles Antônio Heberlê (2014), que propõe analisar a comunicação não apenas pela questão dos meios, ou da tecnicidade, mas sim pela interação que proporciona. A reflexão que Heberlê faz sobre comunicação e desenvolvimento se distancia bastante das ideias iniciais de apenas transferência de informação. O que o autor propõe é não apenas uma comunicação que faça para o outro, mas sim com o outro. O que define a comunicação para o desenvolvimento é a maneira como ela atua, qual seja, por meio do respeito pela voz e experiência do outro.

Premissas teóricas sobre o desenvolvimento rural

A abordagem teórica sobre o desenvolvimento rural guarda algumas diferenças de um pesquisador para outro. Navarro chama atenção para o fato de o debate sobre desenvolvimento rural ser um propulsor de políticas governamentais e inspirar um conjunto

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

de debates teóricos. O que parece ser consenso, ao menos nos autores consultados para esse trabalho, é a dualidade existente no rural: uma polarização em que de um lado está a perspectiva do agronegócio e, de outro, a do agricultor familiar.

Ainda nesse sentido, de uma perspectiva mais ampla, Navarro (2001) afirma que as definições acerca do termo desenvolvimento rural destacam a melhoria do bem-estar da população rural como seu objetivo final. Veiga (2001), por exemplo, nessa mesma perspectiva, e a partir do conceito de Sen (2010), diz que o desenvolvimento, e logo, o desenvolvimento rural, está relacionado à ampliação de possibilidades de escolha da população a expansão de suas potencialidades.

Ventura e Ploeg (2010) descrevem o que não é desenvolvimento rural, a fim de desmistificar discursos públicos e científicos que figuram de forma bastante forte. Constituem a lista dos autores: os projetos orientados pelo Estado, a provisão de bens públicos, o voluntarismo de atores rurais, os atores não-agrícolas, o êxodo rural por parte dos idosos e também não a fuga dos pequenos agricultores da lógica da modernização da agricultura.

Contudo, ressalta-se que, diante das colocações de Ventura e Ploeg (2010), se compreende que o desenvolvimento rural não se constitui a partir dessas perspectivas de forma isolada. Isso significa dizer que, de alguma forma, em maior ou menor medida, essas, entre outras, são discussões que também perpassam a abordagem do desenvolvimento rural.

Na tentativa de conceituar o desenvolvimento rural, Schneider (2007) trata, primeiramente, de definir o que é desenvolvimento. Para esse pesquisador, o termo é entendido como ações realizadas em conjunto pela coletividade humana com vistas a seu bem estar, se constituindo, também, em uma construção política e ideológica. Estudar o desenvolvimento, portanto, é buscar identificar essas mudanças na sociedade, sejam elas em qualquer dimensão. Nesse sentido, o desenvolvimento rural é uma das dimensões do desenvolvimento, em que o interesse está em compreender as mudanças sociais no espaço rural (SCHNEIDER, 2007).

Em Ventura e Ploeg (2010), encontram-se definidas três características do desenvolvimento rural. São elas: um realinhamento da agricultura para atender as rápidas mudanças na sociedade, uma resposta para o *squeeze* da agricultura e a reconstituição de recursos rurais (identidades, estratégias, práticas, inter-relações, redes, etc). Os autores acrescentam a essa perspectiva a necessidade de se pensar a respeito da constante crise na agricultura e no desejo de fortalecimento dos atores rurais.

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

Ressalta-se, no entanto, outras características sobre o desenvolvimento rural mencionadas por Ventura e Ploeg (2010) ao longo de seu texto. Para os autores, ele representa uma ruptura com o período de modernização e uma transição nos sistemas de agricultura, que implicam em práticas produtivas emergentes - diferentes daquelas impostas pela modernização-, e a organização de um novo mercado. Assim, desenvolvimento rural

is about transforming considerable parts of agriculture to create new foundations that allow food production to become a well grounded activity, even (or possibly especially) in times of liberalization and globalization. In this respect, rural development is both an expression of resilience and resistance. (VENTURA; PLOEG, 2010, p.321).

O desenvolvimento rural, assim, seria um afastamento dos grandes mercados de *commodities*, que cada vez mais controlados pelos impérios alimentares (VENTURA; PLOEG, 2010). E, isso, para os autores, reflete lutas sociopolíticas, que buscam o estabelecimento e o financiamento de uma nova organização do mercado agrícola, que critica o mercado existente e procura criar, além de novos mercados, novas estruturas de governança.

O debate acerca do desenvolvimento rural no Brasil

O debate sobre o desenvolvimento rural no Brasil emerge de diferentes fatores, elencados por Schneider (2007). O mais importante deles, na perspectiva desse pesquisador, são as discussões em torno da agricultura familiar, a partir de um reconhecimento de seu potencial enquanto um modelo social, econômico e produtivo. A partir das leituras feitas para esse trabalho, observa-se que, de fato, o modelo da agricultura familiar se apresenta como a principal abordagem do desenvolvimento rural. Essa compreensão se dá a partir de uma retrospectiva histórica em que se percebe o crescimento da agricultura familiar enquanto uma categoria política, ligada ao fortalecimento do movimento sindical rural na década de 1990, de onde surgiram formas de luta e mobilização com impacto político (SCHNEIDER, 2007).

O segundo fator apresentado por Schneider (2007) é a crescente influência e a ação do Estado no meio rural. Essa influência se dá por meio de diversas políticas públicas para agricultura familiar, como uma forma de legitimar as reivindicações dos movimentos sociais rurais que emergiram à época, como dito anteriormente. Vale resgatar aqui Ventura e Ploeg (2010) para ressaltar que o desenvolvimento rural não consiste em um programa de Estado, como muitos discursos da arena política afirmam, ainda que, como também mostra Schneider (2007), ele seja um importante agente de mudança no espaço rural, tanto por

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

meio de políticas públicas, como na regulação do mercado.

Outro fator importante que tem influência nas discussões sobre desenvolvimento rural no Brasil é a sustentabilidade ambiental. De acordo com Schneider (2007), se percebe uma tentativa de internalizar a questão ambiental aos modelos de agricultura que se dizem alternativos, ecológicos ou orgânicos. Nessa perspectiva, Veiga (2001) menciona, ainda, uma outra dimensão do desenvolvimento, que é a do desenvolvimento rural sustentável, que consiste em uma abordagem teórica adotada por alguns pesquisadores. Para Veiga (2001), inclusive, descobrir usos mais sustentáveis dos recursos naturais e da biodiversidade é um dos principais desafios para o desenvolvimento rural.

Schneider (2007) apresenta também as mudanças no âmbito político e ideológico como um outro fator que impulsiona o debate do desenvolvimento rural no Brasil. E observa-se, nesse sentido, uma dualidade: de um lado se encontram a concepção de um modelo do *agrobusiness*, de uma elite agrária, de outro, o modelo da agricultura familiar, mas não só, enquanto luta sociopolítica.

Essa polarização também é mencionada por Veiga (2001), para quem há dois projetos no campo: um deles consiste na maximização da competitividade do agronegócio, e o outro em maximizar as oportunidades de desenvolvimento humano no campo, o que implica em diversificar as economias locais e em valorizar a agricultura familiar e a pluriatividade.

Ventura e Ploeg (2010) corroboram com essa perspectiva. Para esses autores, essa dualidade no desenvolvimento rural se dá especialmente no caso brasileiro, entre o agronegócio e a agricultura familiar, e refletem duas maneiras diferentes de como a agricultura se relaciona com a sociedade e com a natureza, tanto no que diz respeito a sua prática, quanto no mercado. "The country has a large agro-export sector, characterized by low and declining levels of productive employment. This sector coexists alongside a massive family farming (or peasant) sector that is currently making huge strides in terms of rural development" (VENTURA; PLOEG, 2010, p. 330).

É no mercado, aliás, que Ventura e Ploeg (2010) observam a principal diferença entre esses dois polos. De um lado, o modelo familiar produz, principalmente, para o mercado local, regional e nacional, enquanto de outro lado, as grandes propriedades produzem, especialmente, para o mercado internacional, com foco nas *commodities*. Para Schneider (2007), essa distinção se traduz em uma acirrada disputa política e ideológica. E é dessa polarização, afirma o autor, que emerge o entendimento de que o desenvolvimento rural se constitui em uma alternativa, e também uma oposição, à noção de *agrobusiness*.

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

O jornal ZH enquanto um meio de comunicação e informação no estado do RS: as pautas do caderno Campo & Lavoura

A constituição dos sujeitos na cultura está diretamente relacionada com a mídia. Ela pauta, orienta e interpela o cotidiano das pessoas (HALL, 1997). Em outras palavras, a mídia, por meio da informação jornalística, ainda que não só, participa da produção das identidades subjetivas, como mostra Hall (1997) e acaba por constituir a cultura, em um movimento circular de produção, em que ela, a mídia, constitui os modos de ser e estar no mundo, e por isso a importância de se analisar um produto jornalístico sobre rural, com vistas à perspectiva do desenvolvimento rural.

Isso significa dizer que o jornalismo, a partir das informações que propaga, media a relação das distintas esferas com a sociedade. O acesso do público a um conjunto de informações sobre o mundo se dá, muitas vezes, apenas pelos meios de comunicação, em um processo que, na maioria das vezes, é atravessado pela concentração e privatização desses meios de comunicação.

A partir dessa concepção, é preciso apresentar o jornal Zero Hora. De acordo com uma pesquisa da Associação Nacional de Jornais - ANJ (2015), Zero Hora é o 6º maior jornal impresso do Brasil em média de circulação[2]. Esse ranking o coloca como o veículo impresso de maior circulação no Rio Grande do Sul. Contudo, para além de números, recorre-se à Berger (1998) que classificou Zero Hora como um jornal de referência, o que diz muito mais sobre o impresso. Um jornal de referência dominante, como explica Berger (1998), é aquele que produz um discurso universal e objetivável.

Zero Hora é assim classificado por Berger (1998), por ser um veículo pertencente ao grupo RBS, um dos cinco maiores grupos de comunicação do país - e que possui um canal de televisão filiado à Rede Globo, outro grande grupo -, o que o faz deter componentes de dominância no cenário da comunicação brasileira. Dessa forma, é como se Zero Hora excluísse da realidade aqueles que não aparecem em suas páginas, sejam jornalistas, políticos, intelectuais, ou mesmo pautas da esfera pública.

O caderno Campo & Lavoura, produto jornalístico e segmentado de Zero Hora, é definido pelo próprio jornal como uma editoria que trabalha com a temática da agricultura, um dos temas mais relevantes na economia do Rio Grande do Sul (ZERO HORA, 2016). O caderno foi criado em 26 de outubro de 1984 e atualmente circula uma vez por semana, nas edições de final de semana[3] de Zero Hora. Antes dessa data, na verdade, o suplemento já existia, mas

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

circulava apenas uma vez por ano, durante a Expointer.

Pippi (2005), por sua vez, define o Campo & Lavoura como um suplemente informativo do agronegócio, o que restringe sua abordagem sobre a agricultura, informada pelo jornal. Na época de sua criação, “refletia o interesse pela inserção de um segmento da população do Estado que residia e trabalhava na zona rural. Além disso, com o avanço do agronegócio, os leitores do meio rural formaram um nicho de mercado crescente” (PIPPI, 2005, p.13).

É a partir desse produto jornalístico que, como se tentou mostrar, tem grande importância na construção de sentidos sobre os diferentes assuntos e também na forma como as pessoas interpretam a realidade, que se identifica, na sequência, as pautas sobre rural publicadas, tendo em vista a perspectiva do desenvolvimento rural, como já abordado.

Foram selecionadas 9 edições do Campo & Lavoura, publicadas entre julho e agosto de 2017. Tradicionalmente, o suplemento circula com oito páginas, mas se observou exceções em edições especiais. Assim como os demais produtos jornalísticos, o caderno possui um formato próprio, que se mantém em suas edições[4].

A capa se constitui de uma foto e chamada para a reportagem principal. Na página 2 está a seção *entre aspas*, com declarações relacionadas às questões rurais; o *campo responde*, é uma espécie de carta do leitor com uma pergunta e resposta; e também indicadores rurais e agenda de leilões. Já na página 3, o *Rédea Solta* apresenta notas sobre diferentes temas; calendário e a coluna *palavra do especialista*, que em cada edição apresenta um texto opinativo de alguma temática relacionada ao rural. As páginas centrais, 4 e 5, trazem a reportagem principal, de capa; e a página seguinte, a 6, uma outra reportagem ou entrevista secundária. Na página 7 está a seção *No radar*, com notícias[5], e a coluna *Voz campeira*, sempre com um articulista diferente. Por fim, o caderno encerra na página 8 com o *Como fazer*, que pode trazer receitas, artesanato, entre outros, e a coluna *Olhar da colunista*, com Gisele Loeblein (única colunista fixa). Para este trabalho, considerou-se as pautas das reportagens principais, secundárias e notícias.

Dentro do escopo de textos jornalísticos selecionados para esse trabalho, buscou-se identificar quais foram as pautas trabalhadas pelo caderno Campo & Lavoura e, na sequência, a partir da revisão bibliográfica sobre desenvolvimento rural, agrupar essas pautas por temáticas. Importante destacar que, durante esse período, duas edições do caderno foram especiais: uma, em 19 de agosto, sobre o Freio de Ouro e outra dia 26 de agosto, sobre a Expointer. Os textos dessas edições foram igualmente considerados para esse trabalho.

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

Todas as 9 edições do suplemento apresentaram reportagens principais, que ocupam um espaço de destaque no caderno, nas páginas centrais. Das 9 reportagens, portanto, duas estavam relacionadas a regulamentação e intervenção do Estado no rural, de alguma forma: uma delas tratava de um projeto de lei no RS que permitiria a terceirização na vistoria de produtos de origem animal, enquanto a outra noticiava sobre o início do censo agro em outubro de 2017. Com base na proposta de Ventura e Plog (2010) sobre o desenvolvimento rural, se classificou uma reportagem com a temática de mercado alternativo, pois ela abordava a baixa produtividade do Kiwi e a necessidade de os produtores buscarem mercados alternativos para a comercialização da sua produção.

Outras duas temáticas foram identificadas: a de orgânicos, e agricultura familiar, e do agronegócio. No primeiro caso, foi identificada apenas uma reportagem, que abordava a expansão de feiras agroecológicas em Porto Alegre, com o destaque de que esses produtos orgânicos carregam em sua produção a sustentabilidade social, ambiental e econômica, além da valorização das culturas rurais. Todas as demais 5 reportagens foram identificadas como temáticas do agronegócio e/ou produção em grande escala. Essas reportagens trabalharam as seguintes pautas: sistema integrado de lavoura e pecuária em grandes propriedades, o aumento da demanda por trigo, o que aumenta o interesse de produtores em ampliar a área plantada, a premiação de “bons exemplos do agronegócio” a ocorrer na Expoiner do corrente ano, o futuro da raça de cavalos crioulos e a inserção de tecnologia nas propriedades rurais, como o uso de *drones* e identificação eletrônica de animais, sendo as duas últimas publicadas nas edições especiais do caderno.

Ao identificar as pautas abordadas na página 6 do suplemento, que consistem em reportagens, notícias ou entrevistas, observa-se um espaço maior às questões da agricultura familiar. Importante destacar que o conteúdo dessa página[6] ocupa um espaço secundário em relação à reportagem principal, mas na maioria das vezes também possui chamada na capa do caderno. Foram identificados 8 textos com essas características, pois uma das edições ocupou esse espaço com a reportagem principal.

Três textos dessa seção tratam de economia agrícola. Uma reportagem noticiava a queda na exportação de proteína animal, especialmente na carne bovina, outra notícia trazia informações sobre o aumento na exportação de soja gaúcha para a China e, uma outra, sobre os lucros da produção de orgânicos na Califórnia, que ocorre em grande escala. Outros dois textos, uma reportagem e uma notícia, respectivamente, levaram ao leitor do caderno mais informações relacionadas ao agronegócio, diretamente: uma sobre a proteção genética de cavalos crioulos para garantir a hereditariedade e uma que abordava os debates que deveriam ocorrer na Expoiner acerca do agronegócio.

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

As demais 3 pautas traziam a temática da agricultura familiar, mesmo que indiretamente, que é o caso de uma entrevista pingue-pongue de uma página com um ecologista que aborda a importância das abelhas na produção. Os demais textos tratam da sucessão familiar na agricultura familiar e uma feira de produtos oriundos da agricultura familiar organizada por alunos da Escola Família Agrícola da Serra Gaúcha, como uma forma de comercialização e valorização desses produtos.

Por fim, a seção *No radar* também apresenta elementos interessantes a serem pensados a partir da concepção de desenvolvimento rural. Foram identificadas 14 notícias. Dessas, 3 tinham como temática o papel do Estado: mudanças nas exigências de vacinação contra a aftosa, a exigência de procedência e registro de produtos vendidos em feiras por pequenos agricultores e o Funrural. Apenas uma notícia, das 14, tratava da agricultura familiar, uma pauta sobre uma feira solidária com produtos oriundos da reforma agrária.

Outras 3 noticiavam questões relacionados ao *agrobusiness*, como a resistência da soja gaúcha a fungicidas, o crescimento da produtividade da soja e a alta produtividade na região serrana do estado. A economia também foi pauta de 4 notícias: lucros nas cooperativas do agronegócio, a queda no valor bruto de produção pecuária, e os altos custos com combustíveis pelos produtores de grãos. As demais notícias, outras 3, tinham como temática a capacitação do campo por meio da difusão de tecnologias: cursos de gestão de propriedade e difusão de tecnologia promovidos pelo SEBRAE e informações sobre a valorização genética dos animais levados até as propriedades.

Diante desse mapeamento das pautas publicadas no caderno Campo & Lavoura ficam bastante evidentes algumas considerações dos autores trazidos nesse trabalho no que toca o desenvolvimento rural. A mais evidente, certamente, é a dualidade do rural brasileiro e, nesse caso, do rural gaúcho. Para além das especificidades de cada pauta, quando observadas pelo viés dessa polarização, é possível reagrupar esses textos em dois grandes grupos, ou duas grandes perspectivas do rural: a do agronegócio e da agricultura familiar. Com a exceção de alguns textos, em especial os que tratam do papel do Estado, tem-se, de um lado 18 textos que abordam o *agrobusiness* e apenas 5 que tratam dos interesses da agricultura familiar.

Isso demonstra a disparidade do espaço dado a cada um dos assuntos, bem como o projeto de rural no qual Zero Hora acredita, certamente relacionado aos interesses políticos e econômicos do grupo RBS. Ainda que não seja objetivo desse trabalho, cabe destacar os anúncios encontrados nessas 9 edições de Campo & Lavoura, que ilustram bem essa constatação dos interesses do jornal.

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

Entre as 9 edições selecionadas, diversos anúncios são identificados, em diferentes tamanhos, o que interfere no valor pago. Os maiores encontrados foram os de página inteira, em um total de cinco. Em duas edições haviam anúncios de um inseticida da *DowAgroscience* – uma das maiores empresas de ciência e tecnologia para o agronegócio no mundo-, um do Banco do Brasil, em que ele se intitulava “parceiro do agronegócio”, e mais dois de empresas de tratores que estariam na Expointer, um deles com foco na agricultura familiar. Outros grandes anúncios são do banco Santander e do Senar, que ocuparam meia página.

O valor desses anúncios pode ser encontrado online [\[7\]](#), na tabela de preços de 2017 de Zero Hora. Um anúncio de página inteira como esses, no caderno Campo & Lavoura, especificamente, para veiculação em uma única edição, custa o valor de R\$50.487,50. Já os anúncios de meia página, são no valor de R\$24.666,75. Ou seja, Zero Hora tem motivos de sobra para defender os seus interesses e os interesses de seus anunciantes.

Outros dois pontos merecem destaque com relação ao tipo de pauta trabalhada por Campo & Lavoura. Uma diz respeito a presença de pautas que destacam o papel do Estado no meio rural, como um agente de regulação e normatização, especialmente, da produção, como mostraram os autores consultados. O outro aspecto está relacionado a ideia do difusionismo de tecnologia no campo, a partir de agentes externos, algo que tem seus primórdios com a Revolução Verde e que ainda se perpetua. Destaque também para as inúmeras matérias que abordaram a necessidade da inserção de tecnologia nas propriedades como garantia inquestionável de maior faturamento. Ainda que os 31 textos analisados aqui sejam apenas um recorte de uma dada temporalidade, também é importante mencionar que nenhuma matéria tratou do conhecimento tácito, do respeito às culturas e ao meio ambiente [\[8\]](#).

Considerações finais

A mídia faz circular informação nos diferentes meios da sociedade, não apenas sobre acontecimentos recentes, mas também propõe, a partir de suas reportagens, reflexões acerca de determinadas temáticas. Quando se pensa no trabalho do jornalismo dedicado às questões rurais, isso não é diferente. Com isso, a mídia também faz circular culturas, sentidos, simbolismos e discursos, com uma força e credibilidade que influenciam na agenda e na opinião pública.

O que se observou no jornal de referência dominante gaúcho, Zero Hora, um dos maiores

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

jornais em circulação no país, é que em seu suplemento voltado ao campo, o caderno semanal Campo & Lavoura, o jornal retrata um rural gaúcho essencialmente voltado para o agronegócio, com grandes propriedades, preocupadas com a exportação de seus produtos, com a inserção de tecnologia e com capital para altos investimentos. Ainda que a agricultura familiar e a produção de orgânicos sejam contempladas de alguma forma, a esses projetos de desenvolvimento rural fica relegado um lugar de pouco destaque.

Observa-se, por fim, diversos elementos sugeridos pelos pesquisadores consultados em relação ao desenvolvimento rural, e o mais evidente deles é a dualidade entre agronegócio e agricultura familiar, assim como difusão de tecnologias por parte de entidades ligadas ao Estado, algo já bastante criticado pelos pesquisadores da área. Ainda assim, a perspectiva do rural com vistas ao seu desenvolvimento, que entende que é preciso superar o modelo do agronegócio, com práticas que desconsideram o meio ambiente e que fazem uso intensivo de agrotóxicos, por exemplo, é algo que não está presente, nem indiretamente, nas pautas de Campo & Lavoura.

Referências

BERGER, Christa. *Campos em confronto: a terra e o texto*. 1. ed. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1998.

BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é comunicação rural?*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Novas perspectivas na capacitação em comunicação para o desenvolvimento rural*. Rio de Janeiro: INCA, 1974.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Cultura, Mídia e Educação - Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 22, n 2, p 15-46, jul./dez. 1997.

HEBERLÊ, Antonio. O papel dos Relações Públicas na comunicação para o desenvolvimento.

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

In: GONÇALVES, Gisela; FELIPPI, Ângela. *Comunicação, desenvolvimento e sustentabilidade*. Covilhã: LabCom, 2014. p. 9-20.

MELO, José Marques de. *Subdesenvolvimento, urbanização e comunicação*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977

NAVARRO, Z. Desenvolvimento rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro. In: *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, USP, Vol. 16, Nº 44, p. 83-100, 2001.

PIPPI, Joseline. *Ciência, tecnologia e inovação: Interdiscursividade jornalística, reformulação discursiva e heterogeneidades*. Santa Maria. Dissertação, 2005.

SCHNEIDER, Sergio. *Tendências e temas dos estudos sobre desenvolvimento rural no Brasil*. *Congresso Europeu de Sociologia Rural*, Wageningen, Holanda, 2007.

SCHRAMM, Wilbur. *Comunicação de massa e desenvolvimento: o papel da informação nos países em crescimento*. Rio de Janeiro: Bloch, 1970.

SEN, Amartya. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

VEIGA, José Eli. O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. *Estudos Avançados*, v.15, n. 43, 2001.

VENTURA, Flaminia; PLOEG, Jan Douwe Van Der. Rural development: some tentative conclusions. *Rivista di Economia Agraria*. Vol.65 No.2 pp.319-335, 2010.

ZERO HORA. Caderno semanal Campo & Lavoura completa 32 anos. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/opiniaobastidoresdaredacao/noticia/2016/10/caderno-semanal-campo-e-lavoura-completa-32-anos-8056807.html>>. Acesso em: 30 set. 2017.

[1] Amartya Sen, em seus escritos, não se dedica a abordar as questões referentes ao rural. Mas seu

Eixo temático: EIXO 1: Estado, Democracia, Políticas Públicas e Gestão Social do Desenvolvimento

conceito é trazido aqui a partir do entendimento de que desenvolvimento é um termo a ser adjetivado - no caso desse trabalho, como desenvolvimento rural.

[2] Cabe destacar que entre os dez maiores jornais brasileiros desse ranking também estão listados o Diário Gaúcho e o Correio do Povo, em 7^a e 9^a posição, respectivamente.

[3] Desde março de 2016 Zero Hora passou a ter uma única edição do jornal para sábado e domingo, e não mais uma para cada um desses dias, como fazia até então.

[4] Esse formato sofre alterações nas edições especiais.

[5] No que diz respeito às nomenclaturas *notícia* e *reportagem*, cabe esclarecer, que, no jornalismo, se trata de uma diferenciação de gênero textual, sendo o primeiro referente a textos factuais, de acontecimentos recentes, com uma narrativa mais breve, enquanto o outro resulta de um processo de investigação que discute determinada pauta de forma mais aprofundada, com um maior número de fontes e documentos consultados.

[6] Em algumas edições do caderno esse material aparece nas páginas seguintes, dependendo do espaço ocupado pela reportagem principal.

[7] Ver <http://comercial.gruporbs.com.br/tabelas/>.

[8] Com exceção de uma matéria sobre feiras orgânicas em Porto Alegre, que citou esses aspectos para caracterizar o produto orgânico.